

Proletários de todos os países UNI-VOS!

# Avante!

ÓRGÃO CENTRAL DO PARTIDO COMUNISTA PORTUGUÊS

GES  
PCP

## A GUERRA DE ANGOLA LANÇA O PAÍS NA RUÍNA OS NOVOS IMPOSTOS AGRAVAM A MISÉRIA DO POVO

Repetidas vezes o nosso Partido tem afirmado que a guerra de Angola, ao mesmo tempo que faria aumentar de modo incontrolável as despesas de guerra, paralisaria o fomento da economia nacional, conduziria a breve prazo ao aumento dos impostos e dos preços, à descida dos salários reais, ao crescimento da dívida pública, à desvalorização do escudo, ao aumento do défice da balança comercial, e a uma ainda maior dependência do imperialismo estrangeiro. Os factos provam que o Partido tinha razão.

Como se sabe, o governo acaba de decretar o aumento de vários impostos e taxas, o que já fez subir directamente os preços de muitos artigos de amplo consumo, e indirectamente fará aumentar os preços de muitos outros, assim como o dos transportes e das rendas de casa.

Ao contrário do que o governo demagógicamente pretende fazer crer, não é sobre os capitalistas, mas sim sobre as classes trabalhadoras e a pequena e até a média burguesia que recairá o peso dos novos impostos, em primeiro lugar porque a maioria dos artigos tribu-

tados são artigos de amplo consumo e não de luxo, em segundo lugar porque, relativamente à elevação das taxas do imposto complementar, da Sisa, e dos preços dos artigos de luxo, é lei do capitalismo monopolista transferirem-se para encargos do povo os novos impostos ou taxas lançados sobre os rendimentos da classe social dominante, por meio de subsequentes aumentos dos preços das mercadorias e serviços.

Os novos impostos, que agravam ainda mais a miséria das classes trabalhadoras, têm como objectivo fazer face às crescentes despesas com a guerra colonial.

### Aumentam as despesas de guerra

Apesar das despesas de guerra e repressão orçamentadas para este ano atingirem a monstruosa soma (continua na 2.ª pág.ª)

### OPERÁRIOS! CAMPONESES! TRABALHADORES!

Agrava-se diariamente a situação das classes trabalhadoras, vítimas da desenfreada exploração dos monopólios, dos capitalistas estrangeiros e dos grandes agrários. Salazar faz pagar aos trabalhadores os milhões de contos gastos com a guerra de Angola. Aumentaram os preços do óleo e do bacalhau; aumentaram os preços dos caminhos de ferro e camionetas de carreira; aumentaram os tabacos, os refrigerantes e dezenas de outros artigos de consumo corrente; só o aumento da gasolina (1\$00 em litro) irá provocar o aumento de muitos outros artigos.

O custo de vida sobe vertiginosamente e irá subir ainda mais se a guerra de Angola prosseguir. Mas os lucros dos monopolistas e grandes agrários não diminuiram, antes aumentam continuamente.

Se o custo de vida sobe, os salários e ordenados também devem aumentar. Não permitais uma miséria ainda maior para vós e os vossos filhos. Lutai unidos e organizados por aumentos de salários, contra a criação ou agravamento de quaisquer impostos, contra a carestia da vida, pelo barateamento dos géneros, a escassez e o açambarcamento. Recusai-vos a contribuir com «donativos» para a vil guerra colonial.

Organizai-vos solidamente em comissões de unidade e concentrai-vos junto do patronato e das autoridades, nos sindicatos, Casas do Povo e dos Pescadores e apresentai as vossas reivindicações. Nas fábricas, nos campos, nas empresas, as reclamações devem tornar-se insistentes e enérgicas, as concentrações devem multiplicar-se. Se o patronato e o fascismo não cederem deveis lançar-vos em grandes lutas de massas, recorrer à paralizações de trabalho e à greve.

Sómente a luta unida e organizada poderá impedir que sobre os vossos ombros recaia mais fome e miséria.

## A GUERRA DE ANGOLA ISOLA PORTUGAL Salazar conduz o país a um desastre

A política colonial de Salazar está lançando Portugal numa das maiores crises da sua história. No discurso que fez na chamada Assembleia Nacional, que soluções formulou Salazar para resolver a guerra de Angola que se estenderá igualmente às restantes colónias portuguesas se Salazar prosseguir na sua criminoso política?

Salazar declarou «não ver outra atitude que não seja a decisão de continuar», e «continuar» significa, conforme declararam o ministro do Ultramar e o Governador de Angola, tentar impôr «a rendição voluntária ou o aniquilamento» dos patriotas angolanos a que chamam «terroristas», designação usada pelos nazis hitlerianos para as forças patrióticas e de resistência que nos seus países se opunham à dominação e opressão da besta fascista.

A auto-determinação é um princípio que Portugal subscreveu ao ingressar na ONU, mas que Salazar não respeita e diz ser um «princípio genial de caos político». Para ele, a independência de Goa, Timor ou Macau, significaria a integração dessas colónias na União Indiana, na Indonésia ou China. Mas se for essa a vontade desses povos, quem tem o direito de se opôr? Os povos coloniais têm o

direito de dispor da sua vontade, tal como o povo português tem o direito de decidir do seu próprio destino.

Salazar afirmou que Cabo Verde é «subsidiado pelo tesouro»; que Goa, é o Estado que «financeiramente a sustenta»; que o Tesouro cobre «parte importante das despesas correntes» de Timor; que Angola e Moçambique, é o tesouro que tem «de acudir-lhes com fundos e empréstimos gratuitos».

Isto significa que Portugal suporta enormes sacrifícios para manter a dominação colonial. Mas os salazaristas apregoam insistentemente que Portugal não poderá sobreviver sem as colónias. Em que ficamos? Onde está a verdade? Os únicos beneficiários da dominação colonial são os monopólios estrangeiros e «nacionais», seis dos quais arrancaram 460 mil contos de lucros só no ano de 1959. Por isso a Diamang, a CUF e outros monopólios contratam para as colónias tropas mercenárias para impedir a fuga dos negros e forçá-los a trabalharem rodeados de metralhadoras.

Na defesa da sua obstinada política colonialista, (continua na 4.ª pág.ª)

## MAIS ACÇÃO para as próximas «eleições»

Alguns oposicionistas pensam que a política do governo fascista e as contradições nas altas esferas conduzirão por si a uma situação em que uns tantos oficiais de alta patente e uns tantos grupos de civis armados derrubarão o fascismo ou pelo menos levarão à formação de um governo menos reaccionário. No pensamento desses oposicionistas, as forças democráticas deveriam virar o grosso dos seus esforços para a constituição desses grupos de civis armados que ficariam à espera do «momento emocional».

Tal pensamento, que nada tem de revolucionário, ao contrário

do que dizem os seus defensores putchistas, é acompanhado da ideia de que as formas legais de luta estão já ultrapassadas, e tem conduzido a uma prática inactividade política no que toca à mobilização das massas por parte dessas pessoas

Juntamente com muitos outros democratas, nós pensamos que as forças oposicionistas devem constituir uma potente organização clandestina, mas uma organização que não fique à espera do tal «momento emocional», uma organização que impulse as mais variadas formas de luta de massas, entre as quais têm particular importância neste momento, como a experiência do passado o demonstra, as acções para que a próxima campanha eleitoral se transforme numa grande batalha política.

É certo que os oposicionistas atrás referidos, embora minimizando a importância da luta de massas, concedem que a campanha eleitoral é uma oportunidade a aproveitar. Mas para que as «eleições» se transformem numa grande batalha política pela liberdade e pela paz em Angola, é necessário que em cada distrito se constitua desde já uma lista única da oposição, lista suficientemente representativa das forças que se opõem à ditadura.

Urge constituir por todo o país comissões de apoio aos candidatos da oposição e exigir desde já:

- consulta livre e rectificação do recenseamento;
- ampla liberdade de propagação e organização;
- fiscalização do acto eleitoral pela Oposição.

Se as forças democráticas souberem unir-se, organizar-se, basear a sua acção na mobilização popular, as «eleições» para a Assembleia Nacional serão uma grande batalha política que dará decisivo impulso ao movimento democrático nacional.

### 25.º ANIVERSÁRIO da guerra de Espanha

18 de Julho de 1936 — As forças fascistas de Franco desembarcam no sul de Espanha e iniciam uma guerra devastadora contra a República. O povo espanhol levanta-se em defesa das suas conquistas democráticas e resiste heroicamente de aldeia em aldeia, de trincheira em trincheira. Em três anos de guerra, um milhão de mortos!

Com a intervenção esmagadora dos fascistas alemães e italianos, com a ajuda em soldados, dinheiro e mantimentos do governo salazarista, Franco conseguiu instaurar em Espanha a era dos fusilamentos, das represões sangrentas, da fome e do obscurantismo, ao serviço dos monopólios internacionais e dos grandes agrários.

Mas o mar de sangue derramado não bastou para aniquilar o bravo povo espanhol. O 25.º aniversário do desencadeamento da guerra é assinalado pelo crescimento da luta popular contra a ditadura franquista. Ao heróico Partido Comunista de Espanha, temperado nas mais duras batalhas pela liberdade, os comunistas portugueses e a classe operária portuguesa desejam novos êxitos, assegurando-lhe a sua solidariedade total.

O franquismo será aniquilado! O povo espanhol caminha para a sua libertação!

## JULGAMENTO NO PLENÁRIO

No dia 4 de Maio passado teve lugar mais um julgamento político no Tribunal Plenário. O réu era o operário agrícola alentejano ANTONIO GERVÁSIO, militante comunista preso em Beja no verão passado e que foi durante 6 meses submetido a ferozes torturas e espancamentos na sede da PIDE. Trazido do Forte de Caxias algemado e sob forte escolta policial, António Gervásio apresenta-se no tribunal de cabeça erguida, orgulhoso por ter sabido honrar o seu Partido recusando-se a prestar quaisquer declarações à PIDE. A sala como de costume está cheia — cheia de agentes da PIDE e da PSP à paisana que são requisitados para o «serviço no tribunal». Num ambiente carregado de ameaças, o miserável juiz Silva Caldeira e os seus acólitos Almeida Moura e Borges da Gama dão início a mais um julgamento-feras.

«Qual é a sua profissão?» — «Fui assalariado agrícola, hoje sou funcionário do Partido Comunista», responde Gervásio.

— «Confessa as suas actividades subversivas?» — «O Partido Comunista não é uma organização subversiva; o meu Partido é a vanguarda organizada da classe operária que luta pela libertação do nosso povo».

«Cale-se! Sente-se imediatamente!», berro espumando o juiz-policia.

— «Fale mais alto, sr. dr. juiz!» responde firmemente António Gervásio. «Fale mais alto porque eu estou surdo dos meus tratos que sofri na polícia; olhe que só dum vez estive 14 horas seguidas a levar pancada!».

Entre ameaças e berros, o «julgamento» é rapidamente concluído: 3 anos e meio de prisão maior e «medidas de segurança» por tempo indefinido.

O nosso camarada levanta-se e fez uma última declaração: «Tenho a dizer que este tribunal me impediu de fazer a minha defesa. Foi espancado brutalmente pela polícia. Foi condenado por defender os interesses dos trabalhadores. Mas não se esqueça, sr. dr. juiz, que o salazarismo caminha para o fim, está com os pés para a cama».

Imediatamente, em plena sala do tribunal, três agentes da PIDE, entre eles o criminoso Reis Teixeira, saltam sobre António Gervásio, que é algemado e arrastado para o calabouço no meio de brutais espancamentos. AS ESCADAS, OS CORREDORES E O PRÓPRIO CALABOUÇO DO TRIBUNAL FICAM MANCHADOS DE SANGUE. Com o corpo marcado pelas pancadas e a roupa suja de sangue, António Gervásio é metido num «segredo» do Forte de Caxias donde os carcereiros o tiram passados cinco dias em face da sua recusa de aceitar qualquer alimento. Como solidariedade para com o seu camarada, todos os presos da Cadeia de Caxias fizeram um levantamento de rancho.

Este é um exemplo típico dos julgamentos políticos levados a efeito pelo governo de Salazar até ao dia em que o levantamento do povo português põe fim às infames arbitrariedades da ditadura fascista.

Denunciem os crimes do Plenário e exijam a sua extinção! Protestem por cartas e telefonemas contra as arbitrariedades do juiz Silva Caldeira (Rua Silva Carvalho, n.º 16 Lisboa, telefones 661780 ou 047735).

## O POVO SALVA UM COMUNISTA

Em Junho, numa rua do bairro Campo de Ourique, em Lisboa, 2 rafeiros da PIDE conseguiram localizar e prender Manuel da Silva, destacado militante do Partido que há anos vive na clandestinidade. Quando caminhavam para um automóvel, o nosso camarada, corajosamente, empurrou um dos PIDEs e atirou com uma pasta a outro, evadindo-se e refugiando-se numa escada. Como, porém, os rafeiros da PIDE gritavam «Agarra que é ladrão», alguém indicou a escada onde se refugiara e foi preso novamente. Mas Manuel da Silva aproveitou o ajuntamento que se fez de dezenas de pessoas para esclarecer que não era um gatuno, era um comunista, um patriota perseguido por lutar contra o fascismo e desmascarou a Pide e o salazarismo. Imediatamente se ouviram vozes que gritavam: «Larguem o homem!», «bandidos», etc., o que intimidou os PIDEs e deu ânimo para o nosso camarada dar novo e forte empurrão num dos Pides abrindo o povo alas para lhe facilitar a fuga que desta vez obteve êxito completo.

Este belo exemplo é bem demonstrativo do ódio do povo ao fascismo e à Pide, e da estima pelos comunistas e anti-fascistas, pois sem os incentivos e a colaboração do povo não teria sido possível ao nosso camarada libertar-se das garras dos Pides.

Trabalhadores e anti-fascistas! A luta contra a Pide e todos os seus informadores é parte integrante da luta geral do povo português contra o fascismo. Desmascarai a Pide e seus bufos onde quer que apareçam! Lutai contra a repressão e procurai impedir a prisão de patriotas e anti-fascistas, DEFENDEI-OS!

## Cresce o ódio do Povo às forças repressivas



Durante a feira de Maio, em Beja, devido à agressão dum PSP a um soldado do Exército, ambos se envolveram à pancada. Apareceram outras praças da PSP que prenderam o soldado mas logo surgiram centenas de soldados (300 a 400) que se solidarizaram com o seu companheiro, libertaram-no e valentemente fizeram fugir os polícias e uma força da GNR que aparecera para os socorrer. Em certo momento um popular reconheceu dois agentes da PIDE e gritou: *«Atesão dois Pides!»*. Estes esquivaram-se imediatamente, tanto mais que um soldado lhes disse para saírem dali *«se não querem comer pela medida grossa»*.

O povo apoiava entusiasticamente a acção dos soldados do Exército gritando-lhes: *«vão-se a eles, não os larguem, dêm porrada nesses bandidos!»*.

Em 17 de Maio, durante a feira Franca de Fafe, um guarda da PSP agrediu um civil, o que suscitou indignados protestos das muitas pessoas presentes. Chegaram reforços da PSP afim de dispersar a multidão e, em pouco tempo, eram milhares de pessoas que manifestavam a sua indignação. No dia seguinte e por uma questão insignificante, guardas da PSP agrediram dois soldados expedicionários. Estes defenderam-se, vários civis acorreram em seu auxílio e durante algum tempo houve pancadaria, juntando-se grande multidão que gritava contra a polícia: *«é assim que se tratam os soldados?»*; *«ide vós para Angola!»*.

De Braga e Guimarães vieram grandes reforços da PSP armados de metralhadoras mas a polícia manteve-se recolhida, com receio da grande e justa indignação do povo.

Também em Algués (por duas vezes) e em Lisboa (no Alto de S. João) muitas centenas de populares envolveram-se à pancada com praças da PSP.

Todos estes exemplos indicam que o povo não se dispõe a suportar passivamente as brutalidades das forças policiais. A reacção do povo é justa, é a expressão do ódio das massas populares às forças re-

pressivas salazaristas.

A morte dum PSP, na Parede, e dum outro, em Silves, mortos com tiros disparados pelos seus próprios colegas, que supunham serem salteadores, indica que possuem ordens dos oficiais fascistas para atirarem a matar.

Guardas da PSP, da GNR e da Guarda Fiscal! Salazar e a odiosa PIDE atiram-vos contra o povo de que sois também filhos. Resisti a desempenhar tão vil papel! Ajudai o povo e os seus filhos! Preveni os perseguidos! Recusai-vos a ser comandados pelos esbirros da PIDE!

## Vitória eleitoral OS ESTUDANTES LI

Durante todo o último ano lectivo os estudantes de Lisboa, Coimbra e Porto travaram uma série de lutas que bem os colocam entre os mais combativos sectores de oposição ao regime fascista.

A vitória de uma lista de unidade nas eleições realizadas em Maio para a Direcção da Associação Académica de Coimbra foi mais uma importante vitória dos estudantes.

As eleições apresentaram-se duas listas: A lista de unidade patrocinada pela anterior Direcção, pelo Conselho das Repúblicas e por outros organismos autónomos da Associação, e uma lista reacçãoária

## A GUERRA LANÇA O PAÍS NA RUÍNA

(continuação da 1.ª pág.ª)

de quase 4 milhões de contos, já se verificou que tal verba não chega, e assim, foram já abertos novos créditos suplementares de 500 mil contos só para a compra de material de guerra. Mas como não é possível, no dizer do nosso povo, soprar e servir ao mesmo tempo, as despesas com obras de fomento têm sido drasticamente reduzidas.

Porém, como o governo sabe que nem com o aumento de impostos consegue fazer face às despesas de guerra, tem vindo a lançar mão do recurso à dívida pública.

### Cresce a dívida pública

Procurando iludir o nosso povo, disse o charlatão Ministro das Finanças que as disponibilidades do tesouro superam de 1 milhão e 100 mil contos as disponibilidades existentes em igual data do ano anterior. Mas o que ele deliberadamente escondeu é que essas disponibilidades representam exclusivamente aumento da dívida pública, visto que o Estado emitiu só nos três primeiros meses deste ano: 500 mil contos do empréstimo do Infante D. Henrique, 500 mil de promissórias do fomento nacional e 250 mil de certificados para servir o dinheiro dos trabalhadores cujo se encontra nas Caixas de Previdência. Quer dizer, as disponibilidades do tesouro seriam, já no fim dos três primeiros meses deste ano, 150 mil contos menores que as de igual data do ano passado se não fora o aumento da dívida pública que o povo terá de pagar. Além disto, sabe-se já que o governo vai em breve aumentar a dívida pública, indo buscar mais 250 mil contos às Caixas de Previdência e entrando numa negociação de centenas de milhares de contos com as Companhias de Seguros.

### Desvaloriza-se o escudo

Disse também o Ministro das Finanças que o escudo não seria desvalorizado. Mas tal afirmação é apenas mais uma mentira. O preço do ouro está a subir, o que significa que o escudo se desvalorizou na mesma proporção, ou seja, que todos os preços terão de aumentar, como já está sucedendo com as divisas estrangeiras. De resto, a diminuição da cobertura do papel moeda e o aumento da circulação fiduciária (as notas em circulação aumentaram de Maio do ano passado para Maio deste ano em 2 milhões e 300 mil contos), sem o correspondente aumento da produção nacional, outra coisa não indicam senão um processo inflacionista que desvaloriza o escudo.

Como é sabido, são sobretudo as classes trabalhadoras e todos os que têm ordenados fixos quem suportam as consequências da inflação.

### Aumenta o déficite da balança comercial

Outro índice do agravamento da situação económica nacional é o aumento do déficite da já desequilibradíssima balança comercial. Se a balança comercial portuguesa atingiu já em 1956 um déficite de 5 milhões e 330 mil contos que em 1960 se elevou para 6 milhões e 282 mil contos, tal déficite agravou-se ainda muito mais nos seis primeiros meses deste ano relativamente ao mesmo período do ano passado, e isto deve-se principalmente às negociações com a compra de armamento, com as quais estão a fazer escandalosas fortunas alguns apaniguados do regime.

### Aumenta a dependência do imperialismo estrangeiro

Alguns capitalistas, antevendo a crise económica que se avoluma, procuram transferir os seus capitais para o estrangeiro, como em nota oficiosa reconheceu o próprio governo. Para fazer face a tal situação e para comprar o seu apoio político, os fascistas concedem novas e aviltantes facilidades de exploração económica aos nazis alemães e aos imperialistas franceses, ingleses e americanos.

Internacionalmente isolado, Salazar trafica cada vez mais descaradamente com as riquezas e a independência nacionais a fim de conseguir armas e apoio político dos seus patrões imperialistas da NATO e dos seus parceiros fascistas da África do Sul e da Espanha.

### Organizemos a luta contra as consequências económicas da guerra

Estas são algumas das primeiras consequências económicas da guerra colonialista. Outras e cada vez mais graves, se farão sentir. Novos impostos, novas subidas de preços, escassez de géneros, especulações por parte dos grandes tubarões, mercado negro, desemprego, agravamento da crise de favelas, encerramento de fábricas e paralização de obras, enfim, o aumento geral da miséria e uma ruína económica sem precedentes é onde levará a política de guerra colonialista, enquanto o povo não lhe puser decididamente termo.

A luta contra as consequências económicas da guerra de Angola não é menos importante que a luta contra o envio de tropas e pelo regresso das que lá se encontram, pelo termo das hostilidades, pelo reconhecimento do direito de auto-determinação e pela adopção de medidas práticas para efectiva-lo.

Insistentemente o P.C.P. tem prevenido que a guerra colonial arrastará Portugal não só para uma catástrofe política como económica. Só há um meio de impedir tal catástrofe: a luta popular organizada contra a política fascista, contra a guerra colonial, contra a entrega de riquezas nacionais aos imperialistas estrangeiros, contra os monopolistas e latifundiários, pela subida dos salários e ordenados, pela Reforma Agrária, contra a carestia da vida, pelas liberdades democráticas. Serão todas estas lutas que abrirão o caminho ao levantamento nacional que varra para sempre o fascismo da nossa pátria.

# al dos estudantes de Coimbra LICEAIS LUTAM PELAS SUAS REIVINDICAÇÕES

em que demagógicamente houve a preocupação de não incluir fascistas «queimados» e em que participavam mesmo estudantes honestos de que se pretendiam servir os reaccionários.

A agitação por manifestos e cartazes foi enorme. No dia das eleições, a A.A. foi invadida por uma multidão de padres e freiras. Os clericais fizeram um esforço nunca visto para ganhar as eleições. No entanto, muitas raparigas católicas dos lares, apesar de fortemente coagidas a votar na lista reaccionária, votaram na lista de unidade, que aliás era apoiada por destacados estudantes católicos.

De há muitos anos, não se verificava uma concorrência às urnas como nas últimas eleições. Dos 4.900 estudantes universitários de Coimbra, votaram mais de 3.000.

A vitória da lista de unidade foi acolhida com um entusiasmo transbordante pelos jovens que se abraçavam, cantavam e choravam de alegria. À noite 400 estudantes concentraram-se na Praça da República, e empunhando os estandartes

das Repúblicas, iniciaram uma marcha pelos lares. As raparigas acolheram-nos festivamente das janelas, vitorizando a unidade académica.

A seguir, os estudantes dirigiram-se para a Baixa — eram já mais de 1.000 — e dando largas à sua alegria, percorreram várias ruas, gritando: «Academia Livre», «Autonomia», «Vitória». O povo de Coimbra mostrava-lhes a sua simpatia. Os estudantes gritavam: «Viva o povo» e milhares de vivas emocionados responderam a este grito.

Depois de percorrerem assim várias ruas, os estudantes dirigiram-se à sede do «Diário de Coimbra» exigindo a publicação de uma notícia sobre as eleições. Cá fora discursaram alguns estudantes condenando veementemente a Censura.

Estudantes de Coimbra: Permaneci firmes e unidos em defesa dos vossos direitos e das vossas reivindicações. Ao vosso lado está todo o povo de Coimbra, os estudantes e intelectuais progressivos de todo o país. Convosco está o grande Partido da classe operária, o Partido da Juventude, o P.C.P.

Também os estudantes liceais de Lisboa e de outras cidades realizaram uma das maiores recolhas de assinaturas até hoje levadas a cabo por estudantes. Para um texto reclamando que baixasse de 16 para 14 valores a média de dispensa das provas orais nos exames do 7.º ano, recolheram os estudantes, e entregaram ao Ministro da Educação, mais de 7 mil assinaturas. Porém, em vez de atender a justa reivindicação dos estudantes, o Ministro ordenou as reprovações em massa que se estão a verificar nos liceus.

Estudantes liceais: Protestai contra esta política de reprovações. Exigi duas épocas de exames.

Continuai unidos e organizados a lutar pelas vossas reivindicações.

# OS OPERÁRIOS LUTAM contra a exploração



Ante a tentativa da gerência da Sorefame (Venda Nova), para forçar os operários a pagarem os feriados de 1 e 10 de Junho com horas extraordinárias, uma comissão de 15 avistou-se com o eng.º que os recebem com ameaças mas que não intimidaram os operários, dizendo-lhe um deles: «O que eu sei é que trabalho cada vez mais e na minha casa há cada vez mais miséria». Perante a firmeza e unidade dos operários foi anunciado um aumento de 1\$20 por hora, insistindo o director para pagarem os feriados com horas extraordinárias. Ao chegar as 18 horas (hora normal de saída) o apito não tocou mas os operários começaram a gritar, a assobiar, a bater com martelos e abandonaram o trabalho. De 1.000 operários só 30 ficaram a trabalhar. No dia seguinte foi afixada uma circular anunciando que quem não fizesse horas extraordinárias só seria aumentado um mês mais tarde, o que provocou enorme indignação mas não abalou a firmeza e unidade dos operários da «Sorefame» que com a sua luta obtiveram uma vitória que será consolidada se continuarem a lutar unidos.

Nas oficinas da C.P. no Barreiro os operários lutam contra as horas extraordinárias pagas a singelo (exigem 50%, mais como manda a lei), e por isso a maioria dos operários recusa-se a fazer serões.

Também na Parry & Son (Almada) cerca de 60 operários concentraram-se na gerência protestando em nome de todos os operários, contra um possível desconto de 5,5%, no salário das férias.

Os operários corticeiros da Socorquex (Moira) com uma comissão representando as diversas secções foram exigir aumentos de salários, conquistaram um aumento geral de 3500.

Uma comissão de pescadores de Matozinhos exigiu em nome de toda a classe o estabelecimento do abono de família. Tentando ludibriá-los o capitão do porto propôs-lhes descontarem durante os 3 meses de safra e receberem o abono somente nos 3 meses do defeso. Tal proposta foi rejeitada com indignação por toda a classe, que tem realizado diversas reuniões e continua a lutar exigindo o abono de família em condições iguais às dos outros trabalhadores.



## TRIBUNA DO LEITOR

### UM ASSUNTO ACTUAL

Na sua totalidade os pequenos comerciantes e industriais constituem um grupo

social de importância na vida política e económica do país. Cada dia que passa mais necessário se torna que tomemos uma posição e saibamos a quem nos devemos aliar.

A continuar a política salazarista de guerra colonial e de manutenção do «status quo» na meirinho, é muito negro o futuro de Portugal como nação independente. Para a formação destes fortes grupos, duas classes terão que sofrer, o proletariado e nós, os pequenos produtores. Se cada um analisar bem, verificará que no conjunto a nossa classe se proletariza. As estatísticas indicam a progressiva diminuição de pequenos comerciantes e industriais cujas firmas são absorvidas pelas grandes companhias. Hoje constituímos uma variedade de assalariados dos Bancos. Existimos porque os bancos não têm, por enquanto, conveniência no nosso desaparecimento.

Na luta que se trava, cada vez com maior intensidade, entre oprimidos e oprimidos, exploradores e explorados, entre capital e trabalho, só temos uma posição a tomar, e ao lado dos segundos representados pelo seu partido, o Partido Comunista.

Salazar com a nefasta política anti-comunista apenas pretende desorientar, desunir para assim poder dar seguimento às ordens dos patrões: Azevedos, Melos, Delfins Ferreres, Tenreiros, etc..

Não tenhamos medo das palavras, unamo-nos ao PARTIDO COMUNISTA. Para nós, pequenos industriais e comerciantes é esta a única atitude inteligente.

Um pequeno industrial.

### NEGOCIATAS

Para ter no Brasil um jornal que espalhe a propaganda do fascismo salazarista e que o apoie criando ambiente favorável à guerra colonial, o governo encarregou uma empresa de publicidade, pertencente ao «grande patriota» Henrique Tenreiro, da compra do semanário «A Voz de Portugal» que se publica naquele país.

A negociata custa cerca de 7 mil contos e significa um subsídio para os fantoches que têm colaborado nesse periódico.

O povo pagará o aumento da propriedade do «grande almirante do bacalhau». Como a verba para «gastos confidenciais» do Ministro do Interior tem servido exactamente para subsídios desta natureza (ao Diário da Manhã, etc.) decerto que dali saíram os milhares de contos para mais este roubo.

E o facto é que a importância para gastos confidenciais foi de 12 mil contos em 1966 e passou para 20 mil em 1961.

Um leitor

## A luta nos campos

### MIL VINHATEIROS DA ESTREMADURA manifestam-se contra o governo

A crise em que os pequenos e médios vinhateiros da Estremadura tradicionalmente se debatem, agravou-se nos últimos meses com a guerra de Angola, que põe em risco a exportação de 80.000 pipas de vinho que para aí se fazia todos os anos. Muitos produtores têm ainda em armazém a colheita do ano passado e vêm-se obrigados a vender a 1\$80 e a 2\$00 (enquanto o povo está a pagar o vinho a 4\$00).

Recentemente os grandes exportadores que comandam a Junta Nacional do Vinho vieram dar mais um golpe aos vinhateiros ao anularem uma exportação para França de 60.000 pipas, ao mesmo tempo que importavam 8.500 pipas de álcool, apurando um lucro de 42.500 contos.

Indignados com este novo roubo, reuniram-se em fins de Maio em Torres Vedras mais de mil vinhateiros de toda a Estremadura, fazendo-se violentos protestos contra a vigarice de que foram vítimas e que o jornal da vila chamou justamente de «crime perfeito». Perante os protestos dos vinhateiros, a P SP e a Legião lançaram-se em provocações e o governo ordenou a concentração de forças da GNR em Torres Vedras. Mas os vinhateiros continuaram a reclamar unidos que a J.N.V. cumprisse a promessa de lhes comprar o vinho em armazém, acabando por obter em Julho uma primeira compra.

Lavradores da Estremadura! A vossa unidade e combatividade já vos deu a primeira vitória! É preciso continuar na luta, reclamando que a J.N.V. vos compre todo o vinho em armazém, reclamando o fim da ruinosa guerra colonial, reclamando o alargamento de relações comerciais aos países que podem comprar-nos o excedente de vinho, como a União Soviética.

Lavradores! Intensificai a luta contra a ditadura fascista, que vos conduz à ruína!

### OS ASSALARIADOS CONQUISTAM maiores jornas e 8 horas de trabalho

No Alentejo, os operários agrícolas obtiveram aumentos de jorna nas ceifas e vitórias na luta pelo horário das 8 horas.

Assim, em S. Domingos (Abela) depois duma valente greve de 6 dias, os trabalhadores obtiveram aumentos de 15\$00 nos seus salários e o horário que pretendiam. O mesmo aconteceu em Sobreiras Altas e Melides onde os trabalhadores conseguiram, não se intimidando com a PIDE e GNR, atingir os 50\$ nas jornas e o horário que os agrários recusavam. Também em Torre Vã, um rancho de trabalhadores exigiu o horário das 8 horas. Em resposta, o agrário mandou pagar e despedir dois ou três trabalhadores, mas o conjunto dos operários recusaram-se a começar o trabalho em solidariedade com os seus companheiros. Deste modo conseguiram o horário das 8 h., o aumento das jornas, assim como a readmissão dos companheiros despedidos.

Tal como nestas localidades, os trabalhadores de Alvalade, St.ª Margarida da Serra, Ermidas, Vale do Vargo, Baleizão, Montemor-o-Novo e Vila Nova de Milfontes, arrancaram com a sua luta aumentos de jorna, que chegaram a atingir 70\$00 no Montijo e Alcochete.

Conscientes dos seus direitos, os operários agrícolas de Pias recolheram algumas centenas de assinaturas a reclamar um contrato para a ceifa que desse trabalho a todos e uma jorna razoável e concentraram-se na Casa do Povo, em apoio a esta reivindicação.

Também 100 operários agrícolas desempregados, de Alpiarça, foram junto do Presidente da Câmara pedir trabalho e, não se deixando iludir com promessas doutro trabalho mais mal remunerado, conseguiram trabalho no campo.

Trabalhadores do campo! Os vossos salários são de miséria e aproxima-se uma nova época de grande desemprego. Urge reforçar a vossa unidade e combatividade e organizar largas comissões de unidade que organizem concentrações junto dos agrários, Casas do Povo e Câmaras.



# AVANTE NA LUTA CONTRA A GUERRA!

## o fracasso fascista do dia 10 de Junho

Continua a fortalecer-se a luta popular contra a guerra colonial.

O dia 10 de Junho, que a ditadura pretendeu consagrar como um dia de contribuição para a guerra, ficou assinalado, ao contrário, como uma importante jornada de luta popular. Dezenas de milhares de tarjetas e manifestos foram distribuídos por brigadas de jovens e trabalhadores no Porto, em Lisboa, em Aveiro, em Almada e outras localidades, popularizando um movimento geral de boicote aos espectáculos, que se tornou notado, por exemplo, nos cinemas do Porto, onde foi fraquíssima a concorrência. De Alcochete, um nosso camarada manda-nos a notícia de que nesse dia só se viram 10 pessoas no cinema local! De resto, a receita de 900 contos até agora anunciada pelos fascistas como produto dos espectáculos do dia 10 em todo o País, dá ideia do seu fracasso estrondoso.

Por todo o lado, a classe operária continua a recusar-se às «dádivas» de trabalho, forçando em muitas empresas os patrões a desistirem dessa iniciativa ou a pagarem-na do seu bolso. Um dos mais combativos exemplos foi dado pelos pescadores de Malozinhos que no dia 10 se recusaram todos juntos a sair para o mar; apesar de as autoridades estarem a chamar a espécie de ameaças para tentar arrancar a «oferta» dum dia de trabalho, os pescadores, apoiados pelas suas mulheres, continuam decididos a não dar nem um tostão para a guerra.

Em muitas fábricas de Lisboa, do Porto, da região do Barreiro, etc., circulam continuamente pequenas tarjetas chamando à luta contra a guerra e fazem-se discussões entre os operários. Ao mesmo tempo, as inscrições estão a surgir nas paredes de muitas localidades, como Setúbal, Vale do Vargo, S. Pedro da Cova, Rio Tinto, etc. Em Salvaterra de Magos apareceram no dia 28 de Maio grandes inscrições: «Morra Salazar! Paz em Angola! Trabalho, Pão e Liberdade». Também em Gaia, uma corajosa brigada de agitação colocou de lado a lado da estrada uma faixa de pano onde o povo leu durante várias horas: «Paz em Angola!»

Outro aspecto da resistência popular contra a guerra manifestou-se diariamente nos cais de embarque onde se assiste a cenas lancinantes e a clamorosos protestos das famílias que não querem deixar partir os soldados, chegando a entrar em choque com a polícia. O povo sabe que os seus filhos partem para a morte. O povo sabe que são completamente falsos os números de baixas anunciados pelo governo e que os hospitais estão cheios de feridos e mutilados.

### Os soldados contra a guerra

Os soldados continuam a resistir aos embarques e contam-se por centenas as deserções (só em Beja desertaram cerca de 100 soldados). No quartel de Abrantes os soldados mobilizados regaram as enxergas com gasolina e deitaram-lhes fogo, desobedecendo a todas as ordens. Os comandos tiveram de adiar a partida

do contingente. No quartel de Engenharia 1, em Lisboa, os soldados protestaram ruidosamente contra o embarque. Na estação de S. Bento, no Porto, à partida dum contingente, houve choque entre os soldados e os polícias por estes não quererem deixar entrar as famílias na estação.

Todas estas acções do nosso povo devem ser urgentemente ampliadas porque só um movimento muito mais forte poderá pôr fim à guerra colonial.

Avante por maiores acções populares de protesto! Avante por novos milhares de tarjetas, inscrições e cartazes! Boicoteemos todos os espectáculos, pedifórios e iniciativas fascistas a favor da guerra!

## A TRAGEDIA DO «SAVE»

A tragédia da «Save» no qual se perderam a vida — segundo os dados oficiais — 259 pessoas, é mais um episódio da vfl guerra colonial.

O Governo e os jornais têm-se esforçado por «descobrir» as causas das explosões que destruíram o navio e mataram centenas de pessoas, ocultando premeditadamente que o navio transportava «gasolina, gasóleo e certa quantidade de munições» como afirma o «Diário de Lisboa» de 13 de Julho.

Tudo isto significa que Salazar e sua camarilha são os responsáveis por esta catástrofe. A tragédia do «Save» é um exemplo do desprezo do Governo pelas vidas humanas, tanto mais que a maioria dos passageiros era constituída por trabalhadores negros e simples soldados.

## A guerra de Angola isola Portugal

(continuação da 1.ª pág.ª)

Salazar não hesita em acenar às potências imperialistas com os «valores de Cabo Verde» e outras colónias quanto «à posição estratégica» que usufruem, concluindo por afirmar que «esse valor pode ser negociado». Isto significa que Salazar apregoa abertamente a disposição de ceder as colónias e enfeudar ainda mais Portugal às potências imperialistas a troco do apoio que estas lhe dêem à sua política colonial. Nem o traidor Miguel de Vasconcelos seria capaz de ir tão longe!

A sinistra política de Salazar coloca Portugal ante o dilema: a paz ou a guerra que já ceifou 50 mil vidas em Angola; a independência ou o domínio estrangeiro; a liberdade ou a intensificação do terror fascista.

O povo português, os povos do mundo inteiro, estão contra a vergonhosa guerra de Angola. Apesar do colonialismo português servir de biombo à dominação e exploração colonial das grandes potências imperialistas capitaneadas pelos Estados Unidos e que através da NATO fornecem as armas que Salazar envia para as colónias, nem mesmo essas potências tiveram a coragem de opôr-se à Resolução do Conselho de Segurança no sentido de cessar a guerra de Angola. Só os racistas da África do Sul com os quais Salazar conferenciou em Julho, preparando uma acção militar conjugada, e a Espanha de Franco, onde o manequim Américo Tomás irá brevemente apelar para Franco socorrer o salazarismo no caso de se verificarem sublevações internas, apoiam abertamente a sinistra guerra de Angola. O apregoador mito de Salazar e a panaceia do prestígio internacional de Portugal ruíram completamente. Salazar e a sua camarilha estão isolados internacionalmente e existe a ameaça da rotura de relações económicas e diplomáticas com grande número de países.

O extermínio de milhares de ne-

gros em que participam as forças armadas, colonos e roceiros perdurarão na memória dos povos e fazem-lhes relembrar os hediondos crimes dos nazis hilterianos. As notas oficiosas dos ministros dos Estrangeiros e do Ultramar consideram calúnias as denúncias feitas por governos, dirigentes políticos e organizações religiosas sobre os massacres que se verificam em Angola e dizem que «em nenhum caso foram apresentadas provas das acusações». Então porque recusa Salazar a ida duma Comissão da ONU a Angola para investigar essas acusações? A recusa é a prova de que pretende esconder crimes e crueldades indescritíveis.

Pensará acaso Salazar que os povos permitirão que os seus crimes fiquem impunes? Não vivemos nos tempos da pirataria e do tráfico de escravos. «Vivemos na época da liquidação do sistema colonial» em que «a falência completa do colonialismo é inevitável», conforme se salienta na Declaração dos 81 Partidos Comunistas. Vivemos na época em que só nos últimos 15 anos cerca de 40 novos Estados se formaram na Ásia e na África: O povo de Angola não está só, com ele estão todos os verdadeiros amigos dos povos coloniais com o poderoso campo do socialismo à cabeça. Com a guerra ou sem ela a liberdade e a independência de Angola será uma realidade histórica que nenhuma força poderá impedir.

Os povos coloniais que lutam pela sua independência e liberdade são aliados do povo português na luta contra o fascismo, os monopólios e a dominação imperialista. Como se declarou justamente na declaração da Conferência de Casablanca das organizações nacionalistas das colónias portuguesas: «a luta dos povos ainda sob a dominação portuguesa não é dirigida contra o povo português mas tem por fim a liquidação total do sistema colonial».

A guerra imposta pelos colonialistas ao povo de Angola está condenada ao fracasso e conduzirá Portugal a um desastre nacional que já se desenha no horizonte. A grave crise que ameaça Portugal foi há muito prevista pelo Partido Comunista. Os acontecimentos derem-nos razão e o futuro ainda nos dará mais. Sómente a luta unida e decidida do povo português e o levantamento em massa da Nação Portuguesa, derrubando a tirania fascista e formando um Governo de Unidade Nacional, poderá salvar Portugal da política de «suicídio nacional» de Salazar.

## Crónica internacional

### O TRATADO DE PAZ ALEMÃO servirá a causa da Paz

O problema da Alemanha concentra actualmente as atenções dos povos de todo o mundo, alarmados com as declarações provocatórias dos governantes dos Estados Unidos, da Alemanha Federal e de outros países imperialistas, ao apregoarem que a URSS pretende provocar uma crise na Alemanha, atacando os «interesses ocidentais». O que está na realidade por detrás destes clamores?

Como é sabido, 16 anos após a derrota das forças hilterianas ainda não foi assinado o Tratado de Paz com a Alemanha. A política dos círculos imperialistas desde o fim da guerra fechou todas as possibilidades de formação dum estado alemão pacífico e democrático, como fora estabelecido no acordo de Potsdam. Essa política deu lugar à formação de dois estados alemães: ao lado da Alemanha Federal, imperialista e agressiva, surgiu a República Democrática Alemã, que representa a nova Alemanha, pacífica e socialista. Uma vez que tentará reunificar a Alemanha pela força significaria desencadear a guerra mundial, torna-se uma exigência imperiosa reconhecer a situação criada e concluir um tratado de paz com as duas Alemanhas; e neste sentido que a União Soviética vem há anos orientando os seus esforços.

Mas às repetidas e pacíficas propostas de negociações feitas pelo governo da URSS, têm respondido os governantes das potências imperialistas com o rearmamento da Alemanha Ocidental, com a organização de provocações em Berlim-Oeste. É que aos círculos imperialistas convém precisamente que a questão alemã se mantenha em aberto, à espera do momento oportuno para servir de pretexto ao desencadeamento duma nova guerra.

É evidente que, a persistir em suspenso a questão do tratado de paz alemão, se acumulam os perigos para a paz mundial. Ao contrário do que apregoaem os dirigentes dos países imperialistas, a URSS não se propõe violar as obrigações que contraíu; a URSS propõe que se reuna ainda este ano uma Conferência de paz em que participem todos os países que tomaram parte na guerra contra a Alemanha fascista, e que nessa Conferência seja assinado um tratado de paz com os dois estados alemães, fixando definitivamente as suas actuais fronteiras e solucionando a situação criada na parte ocidental de Berlim, encravada no território da R. D. A.

É claro que a assinatura deste tratado de paz envolve a solução da questão de Berlim-Oeste: a parte ocidental da cidade, situada no território da R.D.A., não pode continuar a ser ocupada por tropas norte-americanas, inglesas e francesas; o estado soberano da R.D.A. não pode admitir a presença no seu solo de tropas estrangeiras de ocupação. A solução proposta pela URSS — criação duma cidade livre em Berlim Ocidental — é a única que toma em conta os interesses existentes, afasta o perigo de novas provocações e abre a perspectiva para uma evolução pacífica do problema alemão.

Até agora, os dirigentes ocidentais, que desrespeitaram os acordos estabelecidos e assinaram unilateralmente com o Japão um tratado de paz, não encontraram outra resposta para as iniciativas soviéticas do que deturpar os factos e agitar o espantoso dia de guerra. Não são os apelos à guerra que podem desviar o governo da URSS da sua justa linha em defesa da solução do problema alemão. Se as potências imperialistas recusarem sentar-se à mesa das negociações, o tratado de paz será assinado com a R.D.A.; se as potências imperialistas recusarem reconhecer um acordo sobre Berlim-Oeste e tentarem violar as fronteiras da República Democrática Alemã, elas encontrarão pela frente as forças militares da URSS e dos países do tratado de Varsóvia.

Na luta que se trava para a solução pacífica do problema alemão, todos os povos estão interessados e todos os povos têm a sua palavra a dizer, pois é a Paz Mundial que está em jogo. Desmascaremos a política de guerra dos governos ocidentais e reclamemos a solução pacífica do problema alemão!